

**‘Nós’: um encontro com o estranho-familiar que nos habita**

João Paulo Zerbinati

**Resumo:** Este trabalho se debruçou em realizar uma reflexão acerca da produção cinematográfica ‘Us’ (2019), escrita e dirigida por *Jordan Peele*. Especificadamente, o objetivo foi destacar suas relações metapsicológicas e simbólicas, sobretudo a partir de dois textos clássicos psicanalíticos: “O mal-estar na civilização” (Freud, 1930) e “O Estranho” (Freud, 1919). O filme apresenta temáticas humanas de importante reflexão na contemporaneidade como ódio, raiva, violência e medo. Partes estranhas e familiares que integram o ser humano, mas que, sem a possibilidade de serem simbolizadas, acolhidas, cuidadas, retornam como o sintoma de um corpo social na tentativa de um novo desfecho.

**Palavras-chave:** O estranho, Análise de filme, Psicanálise.

‘Us’ (2019) é uma produção cinematográfica norte-americana escrita e dirigida por *Jordan Peele*. Muito além de um roteiro de terror, o filme exprime características humanas como a raiva, a violência, o ódio e o medo. Assim, instiga a reflexão contemporânea relacionada ao corpo social que produz violência enquanto um sintoma.

O filme conta a história de uma jovem interpretada por *Lupita Nyong’o* que, quando criança, vai a um parque de diversões com sua família. No parque, por um momento, ela se distancia dos pais e no brinquedo ‘a sala de espelhos’ se encontra consigo mesma de um modo nunca antes visto. A partir desse encontro com seu ‘clone/sombra’, o terror se instaura e o filme prossegue acompanhando a personagem até a vida adulta, com sua nova família e filhos, assim como seus respectivos ‘clones/sombras’ que também, aos poucos, se apresentam.

Neste trabalho não nos ateremos ao enredo cinematográfico, nem mesmo objetivamos esgotar as possibilidades de compreensão do filme, pelo contrário. Nossa proposta é incitar pensamentos a partir de seus desencadeantes metapsicológicos e simbólicos, propondo uma relação com dois textos clássicos psicanalíticos: “O mal-estar na civilização” (Freud, 1930/2010) e “O Estranho” (Freud, 1919/2010).

A psicanálise, desde sua origem, se utiliza das produções culturais como uma ferramenta para o acesso ao inconsciente fora do enquadre clínico (Silva, 1993). Seja no âmbito clínico, ou fora da clínica, a investigação em psicanálise consiste em procurar e mostrar em que sentidos há sentido, uma passagem do singular (sentido) para o plural (sentidos) (Rezende, 1993).

Esse caráter semântico amplia o campo de investigação para além do método positivista e abrande o ‘além de’, além do que é possível ser preenchido pela visão concreta (Nosek, 2017). Nessa perspectiva, a chamada inicial proposta pelo filme dizendo que ‘somos nosso próprio e maior inimigo’ é apenas uma primeira camada rumo ao inconsciente, seus primitivos núcleos de violência, hostilidade e destruição.

Para a vida em sociedade ser possível, foi preciso a repressão desses instintos agressivos, mantendo, até certo ponto, sem exageros, as ‘feras acorrentadas em gaiolas’. Freud (1930/2010) compreende que por vias necessárias, em certa medida, “a civilização é construída sobre a renúncia instintual” (p.60).

A palavra “civilização” designa a inteira soma das realizações e instituições que afastam a nossa vida daquela de nossos antepassados animais, e que

servem para dois fins: a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação dos vínculos entre si (Freud, 1930/2010, p.49).

Entretanto, a privação dos instintos além do necessário, mesmo que em prol da civilização, também tem seus riscos. Negar os instintos agressivos e destrutivos e/ou pode ser perigoso, para o próprio Eu e também para a sociedade, uma vez que os sacrifícios exigidos em prol de uma civilização idealizada podem “atingir um grau tão elevado, que indiretamente cheguem a colocar também em perigo os objetivos culturais” (Freud, 1908/1976, p.99).

A negação dos instintos e a propagação da ideia de que a sociedade é naturalmente puritana e bondosa são discursos ilusórios e idealizados perversos, no sentido de que isentam o sujeito de reais reflexões práticas e eficazes para conter a destrutividade humana. No filme essa questão é apresentada desde as cenas iniciais nas quais há referência para um projeto social com o *slogan* ‘todos de mãos dadas pela América, contra a fome nos Estados Unidos’. Esse projeto demonstra uma proposta de magnitude visual impactante, mas vazio em termos práticos e reais contra a fome.

De modo contrário ao falso, ilusório e raso de projetos para a civilização e humanização, ver no espelho o primitivo enjaulado, trabalhar os instintos, desejos e fantasias às vezes tão distantes da pacificação, da ternura, brandura, doçura, não corresponde uma tarefa fácil, nem pelas crianças, nem pelos adultos. Talvez as pequenas consigam perceber de modo menos repressor a integralidade do próprio Eu por não terem, ainda, censurado certos repertórios de si mesmo que simplesmente existem (Freud, 1924/1974). Esse perfil pode ser reconhecido no personagem do filho mais novo da família principal, Jason, com uma integração maior que os demais com sua sombra, podendo, inclusive, controlá-la.

Se reaproximar dos instintos primitivos pode ser causa de terror, pois é como se ao se aproximar da besta, ela pudesse dominar o Eu, e então, sua natureza destrutiva imperaria e aniquilaria o próprio Eu. Ao contrário, a psicanálise nos mostra que se aproximar de nossa pulsão agressiva, destrutiva, reprimida, se torna importante para podermos conhecer e cuidar da integralidade de nossa humanidade.

Sempre estéticos, mesmo que não limitada ao belo, esses conteúdos são dignos de cuidado, elaboração, para então poderem cumprir uma função de vida, de proteção. É nesse sentido que Freud (1930/2010) nos mostra que mesmo nas pulsões de morte, a

pulsão de vida não está ausente, pelo contrário, do confronto constante de Thanatos com Eros, dessa ação conjunta das pulsões, surge a manifestação da vida. Atentar-se aos aspectos destrutivos, de morte, é um aspecto de promoção da vida.

No filme, há uma citação bíblica de referência constante: “Portanto assim diz o Senhor: Eis que trarei mal sobre eles, de que não poderão escapar; e clamarão a mim, mas eu não os ouvirei” (Jeremias 11:11). Não podemos escapar, mas podemos cuidar, conhecer, reconhecer, se conscientizar, saber se, e em que medida, a “evolução cultural poderá controlar as perturbações trazidas à vida em comum pelos instintos humanos de agressão e autodestruição” (Freud, 1930/2010, p.122).

O remédio para essa doença da sociedade só pode ser a exploração da personalidade verdadeira e completa do indivíduo, em particular do laboratório da vida psíquica inconsciente que hoje deixou de ser totalmente inacessível; e o meio preventivo: uma pedagogia fundada, isto é, a ser fundada na compreensão e na eficácia, e não em dogmas (Ferenczi, 1908/1991, p.40).

No texto centenário “O Estranho”, Freud (1919/2010) faz uma análise etimológica da palavra alemã *Unheimlich*, em português traduzido como estranho, inquietante, estrangeiro, infamiliar. Freud vai apresentando os paradoxos dessa palavra e suas diferentes expressões em outros idiomas, sendo que, em diferentes formas ela acaba por coincidir com seu oposto imediato, *Heimlich* (familiar ou conhecido). Nesse sentido, Freud interpreta o estranho como amparado por algo conhecido, que desperta angústia e terror. “‘*Unheimlich*’ seria tudo o que deveria permanecer secreto, oculto, mas apareceu” (Freud, 1919/2010, p.338).

O estranho-familiar, nossos núcleos inconscientes, clamam por cuidado. O filme “Us” nos transporta para um universo em que cada pessoa obtém e se encontra com sua própria parte perversa, cheia de ódio, inveja, destrutividade, sem o mínimo cuidado ou possibilidade sublimatória.

A partir do filme “Nós” (2019) um vasto diálogo entre as relações duplas de nós com nós mesmos se instauram. Infinitos pensamentos, sentimentos, ressentimentos, alegrias e tristezas podem ser gerados pela face do Eu, do estranho, no espelho. Como

acolher o estrangeiro? Como fazer as pazes com o estranho/familiar dentro de nós? Há uma luta que pode ser travada de dentro para fora, de cada ser humano consigo mesmo.

Ao invés de negar nossa realidade humana, precisaríamos encontrar um caminho para acessar essa difícil situação, poderíamos cuidar de nossas partes destrutivas, dos nossos instintos. Aceitar que:

O ser humano não é uma criatura branda, ávida de amor, que no máximo pode se defender, quando atacado, mas sim que ele deve incluir, entre seus dotes instintuais, também um forte quinhão de agressividade. Em consequência disso, para ele o próximo não constitui apenas um possível colaborador e objeto sexual, mas também uma tentação para satisfazer a tendência à agressão, para explorar seu trabalho sem recompensá-lo, para dele se utilizar sexualmente contra a sua vontade, para usurpar seu patrimônio, para infligir-lhe dor, para torturá-lo e matá-lo (Freud, 1930/2010, p.76-77).

Tal como realizado pela personagem protagonista Adelaide, descer as escadas rumo ao estranho de sua história, de sua constituição psíquica, social e emocional é aspecto possível e valioso. Um caminho solitário e, ao mesmo tempo, junto de um outro. A solidão de encontrar-se com o Eu profundo que pode acontecer num momento de solidão no parque ou através do divã, e a possibilidade de enfrentá-lo na companhia familiar ou de um alguém-analista que também já se enverou ou envereda pelos mesmos lugares estranhos (Ferenczi, 1928/1992; Mion & Vannucchi, 2018).

O estranho, estrangeiro, necessita de hospitalidade, do acolhimento de sua língua desconhecida. A partir da capacidade empática e vivacidade do analista, da oferta à hospitalidade e acolhimento do sofrimento e do traumático, é possível criar uma linguagem comum. Estes elementos se fazem presentes enquanto estilos que possibilitam o cuidado (Kupermann, 2016) e o encontro de cada pessoa com seu estranho-familiar.

O analista deve ser o primeiro a se enveredar nesse caminho, com a ajuda de outro alguém que já o percorreu. E assim, poder, posteriormente, se autorizar a também percorrer com seus analisandos (Ferenczi, 1928/1992; Mion & Vannucchi, 2018). Tal como no filme, Adelaide é quem abre a porta do estranho para os demais. Esse sutil convite pode desencadear o terror, mas também o real encontro e cuidado de si mesmo.

A partir dessas estruturas de entendimento, podemos compreender a tesoura, uma das armas principais mostradas no filme. A tesoura é composta por duas partes formando uma, tal como o consciente e o inconsciente, a dualidade de algo estranho, ao mesmo tempo em que é tão familiar, que acompanha o ser humano em todas as etapas do desenvolvimento.

Tesoura é também um excelente instrumento para cortar, separar as partes de um todo, separar a dupla, a sombra da pessoa. Entretanto, tentar separar-se dessa parte estranha-familiar é um caminho ao fracasso. O desconhecido é familiar, nos conhece como nós mesmos, sabe aonde encontrar a chave escondida para adentrar nossa casa sem permissão. Diferente de ter irreais pretensões de aniquilar essa parte estranha, poderíamos nos dispor seu conhecimento, ao reconhecimento dos instintos, do traumático.

O convite é poder cuidar das sombras para a promoção da integração dessas partes em um todo do Eu. Tal como no filme, ao final, quando realmente se conhecem, em nível familiar e estranho, podem se reconhecer como nunca antes, a partir do familiar-estranho que lhes habita.

## **Referências**

FERENCZI, Sándor. Psicanálise e Pedagogia. In FERENCZI, Sándor. *Psicanálise I – Obras Completas*. São Paulo: Martins Fontes, 1908/1991.

FERENCZI, Sándor. Elasticidade da técnica psicanalítica. In FERENCZI, Sándor. *Psicanálise IV*, São Paulo: Martins Fontes, 1928/1992.

FREUD, Sigmund. Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna” In FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, volume IX. Grávida de Jensen e outros trabalhos (1906-1908)*. Rio de Janeiro: Imago, 1908/1976.

FREUD, Sigmund. O Inquietante. In FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 14. Histórias de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1919/2010.

FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo. In FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1924/1974.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1930/2010.

KUPERMANN, Daniel. “Trauma, sofrimento psíquico e cuidado na psicologia hospitalar”, *Revista Brasileira de Psicologia Hospitalar*, Rio de Janeiro, n.1, v.19, 2016, p.6-20.

MION, Carmen C., & VANNUCCHI, Ana Maria S. “Formação psicanalítica em um mundo em transformação”. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, n.94, v.51, 2018, p.175-185.

NOSEK, Leopold. *A disposição para o assombro*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

REZENDE, Antonio Muniz. A investigação em psicanálise: exegese, hermenêutica e interpretação. In SILVA Maria Emília L. (org.). *Investigação e psicanálise* (pp.103-118). Campinas, SP: Papyrus, 1993.

SILVA, Maria Emília L. Pensar em psicanálise. In SILVA Maria Emília L. (org.). *Investigação e psicanálise* (pp.11-25). Campinas, SP: Papyrus, 1993.